

“COM O VERBO ESTRELADO”.¹ ENTREVISTA COM JORGE HENRIQUE BASTOS

WITH THE STAR-STUDED VERB. INTERVIEW WITH JORGE HENRIQUE BASTOS



Mary Anne Warken SOBOTTKA
Doutora
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7707356833300677>
<http://orcid.org/0000-0003-4448-525X>
warkenespagnolufsc@gmail.com

Elys Regina ZILS
Doutoranda
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6881688364149666>
<https://orcid.org/0000-0002-6126-5286>
elysre@gmail.com

Jorge Henrique Bastos nasceu em Belém do Pará. É poeta, tradutor e editor. Recentemente, publicou *Rajadas* (2022) pelo Selo Demônio Negro. Viveu 16 anos em Portugal, onde participou do projeto editorial *Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro* (2001), no qual foi o responsável pela seção dedicada ao Brasil e América Hispânica. Como jornalista, colaborou em jornais e revistas, como *Diário de Lisboa*, *Independente*, *Expresso*, *Colóquio/Letras*. Organizou a primeira edição portuguesa do romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade (Antígona, 1998) e publicou a antologia *Poesia contemporânea brasileira – dos modernistas à actualidade* (2002).

No Brasil, organizou a primeira antologia do poeta Herberto Helder, *O Corpo O Luxo A Obra* (1999). Foi editor da Martins Fontes, do Empório do Livro e da B4 editores, e tradutor de autores como Yves Bonnefoy, Racine, Aloysius Bertrand, Ezra Pound, Walter Pater, Thomas Hardy, Mark Twain, César Vallejo e Vicente Huidobro.

Esta entrevista é uma conversa sobre poesia, tradução e edição, concentrada especialmente em *Três imensas novelas*, de Vicente Huidobro (1893-1948), obra traduzida para o português por Jorge Henrique Bastos e publicada pela editora Iluminuras em 2021.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

1. *Você nasceu em Belém do Pará e viveu 16 anos em Portugal. Por favor, comente um pouco sobre a sua trajetória e o impacto cultural dessa vivência em Portugal na sua profissão de escritor, poeta e tradutor. Como e quando a tradução se insere na sua vida profissional?*

JORGE HENRIQUE BASTOS: Mudei para Portugal, em 1989, por questões familiares. Trabalhei na editora que representava a Martins Fontes, editora em que eu trabalhava antes da mudança. O período de Portugal foi determinante, pois foi lá que assumi o jornalismo, a partir de 1993, quando dei início à colaboração em diversos jornais e revistas portuguesas. Mesmo trabalhando como jornalista, continuei a desenvolver projetos editoriais. A tradução veio nesta sequência, ao desenvolver coleções para algumas editoras.

2. *Em Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro (2001), você foi responsável pela seção Brasil e América Latina e incluiu uma obra poética em cordel. Por favor, conte os motivos dessa escolha e as dificuldades de selecionar obras para um projeto tão importante. Quais foram as belezas e quais foram os maiores desafios para a edição e participação em um projeto tão grandioso?*

2 JORGE HENRIQUE BASTOS: Este projeto admirável dificilmente se repetirá. Foi planejado como parte da cidade do Porto como capital da cultura europeia (todo ano uma cidade europeia é escolhida como epicentro da cultura e mostra aquilo que melhor produz em termos culturais). Fui convidado pelo editor da Assírio & Alvim, Hermínio Monteiro, aconselhado pelo poeta Herberto Helder, a participar como um dos coordenadores da mega-antologia [que] tem duas mil e uma páginas. Cada coordenador ficava responsável por uma língua. Fiquei responsável pela parte brasileira e hispano-americana (juntamente com o poeta e tradutor do espanhol José Bento). Cada coordenador devia selecionar um poema de um ou mais poetas de acordo com o século. Para representar o Brasil, resolvi começar com textos da nossa cosmogonia indígena, mas também do cordel magnífico *A peleja do cego Aderaldo*, pois a antologia tinha como modelo outra organizada por Roger Callois, e que abria o espaço às etnopoéticas do mundo. Além disso, indiquei traduções realizadas por muitos poetas brasileiros, como Haroldo de Campos (Dante), Alexei Bueno (Edgar Allan Poe), entre muitos outros. Na parte hispano-americana, traduzi numerosíssimos poetas, como Pablo de Rokha, Xavier Vilaurrutia, Virgilio Piñera, Julio Cortázar, entre muitos outros.

3. *O Chile é um país de poetas, dizem que é uma frase feita, um lugar comum e uma verdade absoluta. Vicente Huidobro é um poeta que marcou a história do Chile e da América*

Latina. Apesar de não ter ganhado o Nobel, sua importância é inegável. Foi referência para a obra de Nicanor Parra (1914-2018), para os poetas surrealistas chilenos, entre outros escritores e escritoras contemporâneos fora da América Latina. A biografia de Huidobro é fascinante, inclui uma trajetória importante na Europa e uma incursão na política, já que em 1926 apresentou-se como candidato a presidente do Chile. Poderia comentar um pouco sobre a recepção da poesia chilena em Portugal, e, especialmente, sobre a recepção de Vicente Huidobro em Portugal?

JORGE HENRIQUE BASTOS: Alguns nomes da poesia chilena estão traduzidos em Portugal, embora um poema central como *Canto General*, de Neruda, só tenha sido traduzido no final dos anos 90. Aliás, a crítica à tradução publicada lá foi feita por mim. Outros autores foram traduzidos pelo José Bento, que citei anteriormente. A projeção de Huidobro ainda é muito tímida, como aqui, devo acrescentar. Na verdade, como latino-americanos que somos, vivemos de costas viradas para o resto do continente, apesar de termos acesso a este acervo fantástico, mas ainda pouco explorado. As lacunas existem. Como é possível que só agora essa pérola de Huidobro/Arp realmente tenha tido uma edição consentânea com a sua importância? Tal como só recentemente tivemos uma tradução de Parra? O caso mais gritante é o do cubano Lezama Lima, que apenas este ano saiu uma antologia sua, por sinal belamente traduzida por Mariana Ianelli e Adriana Lisboa. O fato é que ainda existem muitos hiatos. Como tradutor, os projetos que estou capitaneando seguem neste sentido, e nos próximos tempos devem surgir novidades.

4. *Qual sua motivação para traduzir textos de Vicente Huidobro, e, especialmente, traduzir Tres inmensas novelas/Tres novelas ejemplares (1931, Arcachon, França) de Hans Arp (1887-1966) e do poeta criacionista? (uma obra que tem dois textos de referência, um publicado em 1931, na França, outro publicado no Chile, em espanhol, em 1935). Inclusive, na edição em espanhol, temos frases com fragmentos em francês. Você acha importante, na tradução, inserir e manter essas marcas de outros idiomas que estão no texto-fonte? Para o seu projeto de tradução, foi importante considerar, além das imagens, ironias e sarcasmo, ritmo e musicalidades na tradução para o português?*

JORGE HENRIQUE BASTOS: A primeira parte da sua pergunta já respondi um pouco. Quando resolvi traduzir *Tres inmensas novelas*, resolvi me ater ao aspecto lúdico, já que é uma ficção escrita por duas figuras, Huidobro e Arp, e bem nos moldes dos “cadavre exquis”, que os surrealistas praticaram. E como vivemos um período envolto pela barbárie, percebe-se que

há, na ciranda literária dos dois artistas, uma espécie de crítica subterrânea escrachada. Procurei adensar mais isso, até pelas ressonâncias que vivemos politicamente.

5. *Quando estudamos Vicente Huidobro, é inevitável pensar na estética da página e da diagramação. Você, no seu trabalho como escritor, editor e tradutor, procura ter uma rotina de trabalho rígida? Você poderia comentar um pouco sobre sua metodologia de trabalho como editor e tradutor?*

JORGE HENRIQUE BASTOS: Na verdade, não tenho um método, muito do que traduzo vem na sequência do que li ao longo da vida e que acredito ser determinante para o leitor. O que me norteia, enquanto tradutor, é tentar manter a voz do autor, respeitar seu tom, o timbre, a tensão poética e imagética.

6. *Você costuma ler teoria de tradução e escrever sobre seu processo de tradução em paratextos? Você gostaria de indicar um nome que tem como referência para as reflexões sobre a tarefa da tradução?*

4 JORGE HENRIQUE BASTOS: Creio que todo tradutor deve começar lendo toda a obra de Ezra Pound, e só depois se aventurar, entre Cila e Caríbdis, no mar revoltado da tradução. Não gosto muito de teorias, mas tenho alguns pontos cardeais que me ajudam a não perder o norte. Neste sentido, Walter Benjamin, Maurice Blanchot, Haroldo de Campos, Octavio Paz foram e são essenciais naquilo que faço. Mas ter lido muito Paul Celan, Jerome Rothenberg e Augusto de Campos também foi absolutamente crucial.

7. *Você comentou em seu posfácio de Três imensas novelas (2021) sobre a presença de uma “crítica acérrima que une arte e política”. Comente um pouco sobre como esses elementos contribuem para que você, como tradutor, escolha uma obra como objeto de estudo e de tradução. Quais os motivos para considerar que essa seria uma obra vanguardista importante para lermos no idioma português e nestes tempos? Qual a importância dessa obra para a história da recepção de Huidobro no Brasil?*

JORGE HENRIQUE BASTOS: Já respondi um pouco esta pergunta, mas faria um acréscimo, dizendo que ler Huidobro, no momento atual, é imperativo. É daqueles poetas que sobrevivem para além do seu tempo. Sua perspectiva vanguardista é surpreendente, sua projeção estilística inspiradora. Acredito que só vimos ainda a ponta do iceberg Huidobro, a maior parte da sua obra ainda está para ser descoberta em português. O desafio é despertar os

leitores, ampliar seu raio de ação, para que se possa trazer à tona outras coisas. E eu não limitaria isso apenas a Huidobro, reitero que temos o dever de olhar toda a América do Sul, e não só. Temos uma dívida histórico-cultural com autores da América Central, do Caribe, do México. Todos nós dividimos a barbárie. Nossa herança cultural foi e é marcada por uma história violenta, mas conseguimos sobreviver e dar voz ao que nos amordaçou e violentou. Agora é a hora de abrir os portões da língua para que possamos ouvir Trefossa, Roque Dalton, Lezama, Ramos Sucre, enfim, uma legião que só está à espera de poder ser ouvida.

Florianópolis, 12 de junio de 2022.

“CON EL VERBO ESTRELLADO²”. ENTREVISTA A JORGE HENRIQUE BASTOS.

Jorge Henrique Bastos nació en Belém do Pará. Es poeta, traductor y editor. Recientemente, publicó *Rajadas* (2022) por Selo Demônio Negro. Vivió en Portugal durante 16 años, donde participó del proyecto editorial *Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro* (2001), actuando como el responsable de la sección dedicada a Brasil y Hispanoamérica. Colaboró en periódicos y revistas como: *Diário de Lisboa*, *Independente*, *Expresso*, *Colóquio/Letras*. Organizó la primera edición portuguesa de la novela *Macunaíma*, de Mário de Andrade (Antígona, 1998) y también publicó la antología *Poesia contemporânea Brasileira – dos modernistas à actualidade* (2002).

En Brasil, organizó la primera antología del poeta Herberto Helder, *O Corpo O Luxo A Obra* (1999). Fue editor de Martins Fontes, Empório do Livro y B4 editores. Tradujo a Yves Bonnefoy, Racine, Aloysius Bertrand, Ezra Pound, Walter Pater, Thomas Hardy, Mark Twain, César Vallejo y Vicente Huidobro.

6 Esta entrevista es una conversación sobre poesía, traducción y edición. Nos centramos especialmente en *Tres inmensas novelas*, de Vicente Huidobro (1893-1948), traducida al portugués por Jorge Henrique Bastos y publicada por Iluminuras en 2021.

1: Naciste en Belém do Pará y viviste en Portugal durante 16 años. Por favor, comenta un poco sobre su trayectoria y el impacto cultural de esta experiencia en Portugal para su profesión de escritor, poeta y traductor. ¿Cómo y cuándo la traducción se convierte en parte de su vida profesional?

JORGE HENRIQUE BASTOS: Me cambié a Portugal en 1989 por motivos familiares. Trabajé en la editorial que representaba a Martins Fontes, la editorial donde trabajaba antes del cambio de la mudanza. El período en Portugal fue decisivo, ya que fue allí donde comencé a dedicarme al periodismo, a partir de 1993, cuando comencé a colaborar en varios periódicos y revistas portuguesas. Aun trabajando como periodista, continué desarrollando proyectos editoriales. La traducción se produjo en esta secuencia, al desarrollar colecciones para algunas editoriales.

2: En Rosa do mundo: 2001 poemas para el futuro (2001) fuiste el responsable de la sección de Brasil y América Latina e incluiste una obra poética en cordel. Por favor, cuéntanos

las razones de esta elección y las dificultades de seleccionar obras para un proyecto tan importante. ¿Cuáles fueron las bellezas y cuáles fueron los mayores retos para editar y participar en un proyecto tan grandioso?

JORGE HENRIQUE BASTOS: Este proyecto admirable difícilmente se repetirá. Fue planificado como parte de la ciudad de Porto como capital de la cultura europea (cada año se elige una ciudad europea como epicentro de la cultura y se muestra lo que mejor produce en términos culturales). Fui invitado por el editor de Assírio & Alvim, Hermínio Monteiro, asesorado por el poeta Herberto Helder, a participar como uno de los coordinadores de la mega antología, que tiene dos mil y una páginas. Cada coordinador era responsable de un idioma. Yo era responsable de la parte brasileña e hispanoamericana (junto con el poeta y traductor del español José Bento). Cada coordinador debía seleccionar un poema de uno o más poetas según el siglo. Para representar a Brasil, decidí partir de textos de nuestra cosmogonía indígena, pero también del magnífico cordel, *A peleja do cego Aderaldo*, ya que la antología se inspiró en otra organizada por Roger Callois, que abrió el camino a la etnopoética del mundo. Además, indiqué traducciones hechas por muchos poetas brasileños, como Haroldo de Campos (Dante), Alexei Bueno (Edgar Allan Poe), entre muchos otros. De hispanoamericanos, he traducido a muchos poetas, como Pablo de Rokha, Xavier Vilaurrutia, Virgilio Piñera, Julio Cortázar, dentre muchos otros.

3: *Chile es un país de poetas, dicen que es una frase hecha, un lugar común y una verdad absoluta. Vicente Huidobro es un poeta que marcó la historia de Chile y América Latina. A pesar de no haber ganado el Nobel, su importancia es innegable. Fue una referencia para la obra de Nicanor Parra (1914-2018), de los poetas surrealistas chilenos, y de otros escritores y escritoras contemporáneos fuera de Latinoamérica. La biografía de Huidobro es fascinante, incluye una importante trayectoria en Europa y una incursión en la política, ya que en 1926 se presentó como candidato a la presidencia de Chile. ¿Podría comentar un poco sobre la recepción de la poesía chilena, y en especial la recepción de Vicente Huidobro, en Portugal?*

JORGE HENRIQUE BASTOS: Algunos nombres de la poesía chilena fueron traducidos en Portugal, aunque un poema central como *Canto General*, de Neruda, recién se tradujo a fines de la década de 1990. De hecho, la crítica a la traducción allí publicada fue hecha por mí. Otros autores fueron traducidos por José Bento, a quien mencioné antes. La proyección de Huidobro es todavía muy tímida, como aquí, debo añadir. De hecho, como

latinoamericanos que realmente somos, vivimos de espaldas al resto del continente, a pesar de tener acceso a este acervo fantástico, pero aún poco explorado. Existen lagunas. ¿Cómo es posible que recién ahora esta joya de Huidobro/Arp haya sido editada a la altura de su importancia? ¿Cómo hace poco tuvimos una traducción de Parra? El caso más notorio es el del cubano Lezama Lima, cuya antología se publicó apenas este año, bellamente traducida por Mariana Ianelli y Adriana Lisboa. El caso es que aún quedan muchas lagunas. Como traductor, los proyectos que estoy liderando continúan en esta dirección, y en un futuro próximo tendremos novedades.

8 4: *¿Cuál fue su motivación para traducir textos de Vicente Huidobro y, en especial, traducir la obra Tres inmensas novelas / Tres novelas ejemplares (1931- Arcachon, Francia) de Hans Arp (1887-1966) y del poeta creacionista? (obra que tiene dos textos de referencia, uno publicado en 1931, en Francia, otro publicado en Chile, en español, en 1935). Incluso, en la edición en español, tenemos oraciones con fragmentos en francés. ¿Cree que es importante, en la traducción, insertar y mantener estas marcas de otros idiomas que están en el texto fuente? ¿Fue importante para su proyecto de traducción considerar, además de imágenes, ironías y sarcasmos, el ritmo y la musicalidad en la traducción al portugués?*

JORGE HENRIQUE BASTOS: La primera parte de su pregunta ya ha sido respondida un poco. Cuando decidí traducir *Tres Inmensas Novelas*, opté por conservar el aspecto lúdico, ya que es una ficción escrita por dos figuras, Huidobro y Arp, y muy en el molde del *cadavre exquis*, que practicaban los surrealistas. Y como vivimos en una época envuelta por la barbarie, nos damos cuenta de que existe, en el círculo literario de los dos artistas, una especie de crítica subterránea descarada. A mí me preocupaba más esto, incluso por las resonancias que estamos viviendo políticamente.

5: *Al estudiar a Vicente Huidobro, es inevitable pensar en la estética de la página y la maquetación. ¿Usted, en su trabajo como escritor, editor y traductor, busca tener una rutina de trabajo rígida? ¿Podría comentar un poco sobre su metodología de trabajo como editor y traductor?*

JORGE HENRIQUE BASTOS: De hecho, no tengo un método, mucho de lo que traduzco proviene de lo que leí a lo largo de mi vida y que creo que es crucial para el lector. Lo que me guía, como traductor, es tratar de mantener la voz del autor, respetando su tono, timbre, tensión poética e imaginaria.

6: *¿Usted lee a menudo teoría de la traducción y escribe sobre su proceso de traducción en paratextos? ¿Quisiera indicar algún nombre que tenga como referencia para reflexionar sobre la tarea de traducir?*

JORGE HENRIQUE BASTOS: Creo que todo traductor debería empezar por leer toda la obra de Ezra Pound, y solo entonces aventurarse, entre Escila y Caribdis, en el turbulento mar de la traducción. No me gustan mucho las teorías, pero tengo algunos puntos cardinales que me ayudan a no perder el rumbo. En ese sentido, Walter Benjamin, Maurice Blanchot, Haroldo de Campos, Octavio Paz, fueron y son fundamentales en lo que hago. Pero haber leído mucho a Paul Celan, Jerome Rothenberg y Augusto de Campos también fue absolutamente crucial.

7: *Usted comentó en su epílogo a Tres imensas novelas (2021) sobre la presencia de una “crítica dura que une arte y política”. Comenta un poco cómo estos elementos influyen en ti, como traductor, a elegir una obra como objeto de estudio y de traducción. ¿Cuáles son las razones para considerar que esta sería una obra de vanguardia importante para leer en portugués y en estos tiempos? ¿Qué importancia tiene esta obra en la historia de la recepción de Huidobro en Brasil?*

JORGE HENRIQUE BASTOS: Ya he respondido un poco a esta pregunta, pero agregaría diciendo que leer a Huidobro en este momento es imprescindible. Es uno de esos poetas que sobreviven más allá de su tiempo. Su perspectiva vanguardista es sorprendente, su proyección estilística inspiradora. Creo que solo hemos visto la punta del iceberg de Huidobro, la mayor parte de su obra está por descubrir, en portugués. El reto es despertar a los lectores, ampliar su campo de acción, para que se puedan plantear otras cosas. Y no lo limitaría solo a Huidobro, reitero que tenemos el deber de mirar a toda Sudamérica y más allá. Tenemos una deuda histórico-cultural con autores de Centroamérica, del Caribe, del México. Todos compartimos la barbarie. Nuestra herencia cultural estuvo y está marcada por una historia violenta, pero logramos sobrevivir y dar voz a lo que nos amordazó y violó. Ahora es el momento de abrir las puertas del lenguaje para que podamos escuchar a Trefossa, Roque Dalton, Lezama, Ramos Sucre, en fin, una legión que solo espera ser escuchada.

REFERÊNCIAS

Huidobro, V., & Harp, H. (2021). *Três imensas novelas*. Tradução e posfácio de Jorge Henrique Bastos. Editora Iluminuras.

¹ Verso do poema “Daniel Faria” do livro *Rajadas*. (20 de fevereiro de 2022). Recuperado de: <https://revistapiparote.com.br/poemas-do-livro-inedito-rajadas-de-jorge-henrique-bastos/>

² Verso del poema “Daniel Faria” del libro *Rajadas* (feb. 2022). Recuperado de: <https://revistapiparote.com.br/poemas-do-livro-inedito-rajadas-de-jorge-henrique-bastos/>